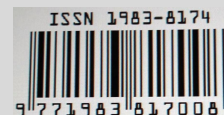


VII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA – XXV

Semana de Iniciação Científica da URCA e VIII Semana de Extensão da URCA

12 a 16 de dezembro de 2022

Tema: “DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, INDEPENDÊNCIA E SOBERANIA NACIONAL”



ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA DO LAZER E DA CULTURA CORPORAL RELACIONADA À AUTO-ORGANIZAÇÃO E RESISTÊNCIA DA CLASSE TRABALHADORA

Ízis Carla Candido Borges¹, Naiara Nascimento da Silva², José Rafael
Martins³ José de Sousa Sobrinho⁴

Resumo: Este trabalho propõe analisar a prática do lazer e da cultura corporal enquanto instrumento de mobilização e conscientização política dos trabalhadores. Através do processo histórico de sua constituição e execução nas contradições da sociedade classes, refletindo quanto às possibilidades de vínculos entre formas de organização política e de resistência coletiva dos trabalhadores e trabalhadoras com as práticas de educação, esporte e lazer, fundamentando-se no materialismo histórico-dialético como método de análise da realidade, examinado o desenvolvimento das práticas da cultura corporal e as associações com diferentes estágios de desenvolvimento das capacidades produtivas, por meio de pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Lazer, cultura corporal, movimento sindical.

1. Introdução

A análise dessa questão perpassa o processo histórico de formação das classes pelos quais atravessam as experiências distintas vividas em situações de classes, contudo, entre os quais compreendemos que as experiências vividas no campo da organização sindical cumpre um papel prioritário no processo de formação da classe. Desse modo, o questionamento quanto ao lugar do lazer e da cultura corporal no processo da formação da classe será abordado partindo do estudo das experiências do e progressões ou limitações de suas incursões no campo da auto-organização do lazer e da cultura corporal como mecanismo de mobilização da classe.

2. Objetivo

Examinar a prática do lazer e da cultura corporal enquanto instrumento de mobilização e conscientização política dos trabalhadores, desenvolvida pelo

¹ Universidade Regional do Cariri, email: borges.izis@urca.br

² Universidade Federal do Cariri, email: naiara.limasilva23@gmail.com

³ Universidade Federal do Cariri, email: jose.pereira@urca.br

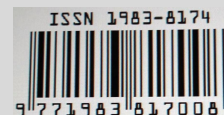
⁴ Universidade Federal do Cariri, email: joseraphael.martins@urca.br

VII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA – XXV

Semana de Iniciação Científica da URCA e VIII Semana de Extensão da URCA

12 a 16 de dezembro de 2022

Tema: “DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, INDEPENDÊNCIA E SOBERANIA NACIONAL”



processo de reorganização sindical.

3. Metodologia

Este é um estudo de caráter qualitativo, na qual utilizamos o materialismo histórico-dialético como método de análise da realidade. Refletindo que o desenvolvimento das práticas da cultura corporal está associado aos diferentes estágios de desenvolvimento das capacidades produtivas, uma pesquisa bibliográfica versará sobre o exame da história do movimento sindical no Brasil, tomando como objeto central a análise da auto-organização por parte dos trabalhadores das suas práticas de lazer e cultura corporal como mecanismo de mobilização e conscientização de classe.

4. Resultados

A história humana é marcada pela cultura corporal, socialmente construída, abrangendo práticas corporais como o jogo, a dança, a luta, a ginástica, o esporte, que são incumbidas de significados e sentidos, que interpretam dialeticamente intencionalidade/objetivos do seres sociais e que compartilham da dinâmica da coletividade em determinada forma social.(COLETIVO DE AUTORES, 1992). Partindo desse pressuposto, pode se dizer que a cultura corporal é gerada da coletividade, pode ser entendida como parte da sociedade, como também de forma particular da subjetividade humana.

Com ato de arremessar pedras contra animais como ações para sobrevivência, tem-se o primeiro instrumento de trabalho por meio do qual as habilidades corporais foram desenvolvidas, em uma ação da qual “distendeu os tendões e compreendeu que com as mãos poderia fazer muitas coisas” (COLETIVO DE AUTORES, p. 39) e advindo do trabalho “desenvolve diferentes movimentos sistematizados, ordenados, articulados e institucionalizados, transformados, portanto numa produção simbólica: um jogo, uma ginástica, um esporte, uma dança, uma luta” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 60).

Deste modo, os avanços das capacidades produtivas humanas estão ligados ao desenvolvimento histórico da cultura corporal, a mudança do modo de organização social, ocorre devido à sedentarização de diversas comunidades, onde desenvolve-se práticas agrícolas, e técnicas de domesticação de animais, desenvolvimento das capacidades produtivas que na sua nova dinâmica permite o desenvolvimento atividades vinculadas ao tempo de não trabalho, tornado o plano da cultura corporal mais amplo,desvinculando-a das atividades produtivas (OLIVEIRA, 2004).

O ser social com dependência ontológica no modo de produção da vida

VII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA – XXV

Semana de Iniciação Científica da URCA e VIII Semana de Extensão da URCA

12 a 16 de dezembro de 2022

Tema: “DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, INDEPENDÊNCIA E SOBERANIA NACIONAL”



material, em uma lógica de consumo, vive através de mecanismo da busca de formas de sua subsistência condicionada pelo desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral, assim como as práticas do lazer, ainda que com aspectos de uma autonomia relativa ao trabalho, exerce uma função específica que o difere, mas é preciso haver uma articulação onde irá determinar o processo de construção e objetivação.

Em vista disso, o acesso ao tempo livre foi limitado aos trabalhadores assalariados, sendo estes assolados pelo domínio do capital, fazendo com que a maior parte do tempo seja destinada à produção, assim tornando menos possível o acesso ao lazer e à cultura corporal. Como consequência disso, os contrastes de classe alcançam uma forma na história do lazer e da cultura corporal na forma de organização da sociedade capitalista, unindo-se com a história de luta dos trabalhadores assalariados modernos pelo direito ao tempo livre e pelo acesso ao lazer e à cultura corporal.

A reivindicação do movimento dos trabalhadores pelo acesso ao ócio e ao lazer se expressava na fórmula: “oito horas de trabalho, oito horas de repouso, oito horas de liberdade” (FOOT HARDMAN, p. 228, 2002).

Na segunda metade do século XIX na década de 80, o direito ao tempo de ócio ganha centralidade a partir do desenvolvimento da produção e organização da classe trabalhadora, dando origem ao movimento pela redução da jornada de trabalho, desse movimento Paul Lafargue escrever O Direito à Preguiça um panfleto político que critica as visões liberais, e a jornada de trabalho que na época ultrapassa 12 horas diárias. Assim efetivando a partir de protestos e reivindicações dos trabalhadores auto-organizados por meios de sindicatos e instituições de mútua ajuda, uma legislação fabril com a regulamentação da jornada de trabalho, do trabalho noturno, feminino e infantil, como a prévia da legislação social.

Tais transformações com o advento do capitalismo e as transmutações do processo de trabalho em mercadoria, altera drasticamente o modo de produção e os meios de garantia da subsistência. Com uma dinâmica de produção desumanizante, onde no processo dialético e histórico expõe a origem de um lazer e de práticas da cultura corporal com relação ao processo de organização coletiva, mobilização e educação política da classe operária, concebida pelas relações mercantis.

Apartir disso, refletirmos que o processo de formação da classe trabalhadora brasileira deve ser visto a partir das relações sociais de produção, que convencionou diversos modos de exploração e apropriação do excedente do trabalho alheio, em particular, com quase quatro séculos de exploração dos povos negros de origem africana e das nações nativas como mão-de-obra escrava.

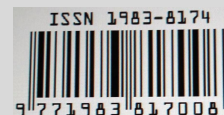
Dessa base, se objetiva que se desenvolvam as distinções de classe no Brasil, incluindo a luta entre os trabalhadores e proprietários dos meios de

VII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA – XXV

Semana de Iniciação Científica da URCA e VIII Semana de Extensão da URCA

12 a 16 de dezembro de 2022

Tema: “DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, INDEPENDÊNCIA E SOBERANIA NACIONAL”



produção, precisamente a luta pela liberdade, como o fator central da luta de classes no Brasil até o fim do século XIX.

Analisado por Peixoto (2007) é exposto que há na primeira metade do século XX propostas políticas públicas voltadas à ocupação do tempo livre classe trabalhadora associadas à limitação das lutas e de conformação aos interesses da brasileira, para desenvolvimento do projeto de industrialização do Brasil com base europeias, “visíveis nos Manuais de Recreação” (PEIXOTO, 2014, p. 363)

Segundo Peixoto (2007) há o forte viés ideológico na teoria do lazer não apenas lúdico e alegre, mas algo disciplinador e compensatório, contribuindo moral e fisicamente para a produção e reprodução da força de trabalho, práticas do lazer são racionalizadas, descrito como um salto qualitativo com conotação científica onde através de métodos científicos específicos essas práticas seriam capazes de operar diferentes formas de administração e promoção do lúdico, havendo também apagamento da luta de classes através do controle das práticas desenvolvidas para o tempo livre, tem o intuito de melhorar as condições das atividades laborais e para fim de uma mercantilização e burocratização do lazer.

5. Conclusão

Conclui-se que, há uma prevalência e predominância das ideologias e visões funcionalistas que circulam todo lazer, que a preocupação com o tempo livre das primeiras décadas do século XX em um contexto do nascimento da industrialização do Brasil em formas europeias, em conjunto da conformação da classe trabalhadora, à interesses, do projeto de desenvolvimento econômico Burguês brasileiro. Assim a estrutura da classe trabalhadora brasileira parte dessas relações de exploração e das condições de vida que surgem, como também das experiências de resistência e luta coletiva contra formas de exploração e por melhorias das condições de existência, desenvolvendo sínteses políticas e organizativas entre as experiências de conformação da classe, e de resistências estabelecidas pelos trabalhadores brasileiros durante o século XIX e século XX – em especial a luta abolicionista – que incluem as experiências compostas pelos trabalhadores europeus recém migrados, e assim a história da cultural corporal também é a história da luta do proletariado pelas condições de produção e acesso ao lazer e a cultura corporal e aos direitos trabalhistas e humanos mais básicos.

6. Agradecimentos

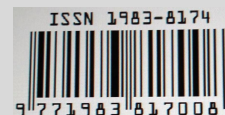
Grupo de Pesquisa em Educação Física, Esporte e Lazer- GPEEL.

7. Referências

VII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA – XXV
Semana
de Iniciação Científica da URCA
e VIII Semana de Extensão da URCA

12 a 16 de dezembro de 2022

Tema: “DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, INDEPENDÊNCIA E SOBERANIA NACIONAL”



- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992. ENGELS, Friedrich. **A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2010. HARDMAN, Francisco Foot. **Nem pátria, nem patrão! Memória operária, cultura e literatura no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- LAFARGUE, Paul. **O direito à Preguiça**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2012.
- MANACORDA, Mario Alighiero. **Historia da educação: da antiguidade aos nossos dias**. 6. ed., São Paulo: Editora Cortez, 1997.
- MARX, Karl. & ENGELS, Friedrich. **O Manifesto Comunista**. Tradução: Álvaro Pina. São Paulo, Editora Boitempo, 2010.
- OLIVEIRA, Vitor Marinho de. **O que é Educação Física?** São Paulo: Brasiliense, 2004.
- PEIXOTO, Elza Margarida de Mendonça et al. **Estudos do lazer no Brasil: apropriação da obra de Marx e Engels**. 2007.
- PIRES, Marília Freitas de Campos. **O materialismo histórico-dialético e a educação**. Interface comunicação, saúde, educação, v. 1, p. 83-94, 1997. Disponível em: [https://www.scielo.br/j/icse/a/RCh4LmpxDzXrLk6wFR4dmSD/?format=pdf & lang=pt](https://www.scielo.br/j/icse/a/RCh4LmpxDzXrLk6wFR4dmSD/?format=pdf&lang=pt). Acesso em: 01 de abril de 2022.
- WOOD, Ellen Meiksins. **Democracia contra o Capitalismo: a renovação do materialismo histórico**. São Paulo: Boitempo, 2011.